

Canções

de Bocage

I

O ADEUS

Suave habitação da minha amada,
Das Graças e de Amor! Feliz morada,
Onde as mãos da Ventura
C'roaram minha fé singela e pura;
Onde, inflamado, exp'rimetou meu peito
Que há no mundo também prazer perfeito;

Leves favónios, leves passarinhos,
Que, poisados nas flores e raminhos,
Em silêncio me ouvistes
Canções alegres e suspiros tristes,
Porque inda o mais ditoso, enquanto adora,
Canta umas vezes, outras vezes chora;

Tejo, que à minha voz abonançavas,
Que, para me atender, nem murmuravas,
Quando injustos ciúmes
Me arrancaram mil prantos, mil queixumes,
Quando à bela constância de Gertrúria
Fiz com suspeitas vãs cruel injúria;

Antiga Pátria minha e lar paterno,
Penates a quem rendo um culto interno,
Lacrimosos parentes,
Que inda na ausência me estareis presentes;
Adeus! Um vivo ardor de nome e fama
A nova região me atrai, me chama.

Ó vós, que nos altares da Amizade
Votastes exemplar fidelidade,
Vasconcelos, Couceiro,
Lis benfeitor, Andrade prazenteiro,
Vós, que em doce união viveis comigo,
Ouvi o terno adeus de um terno amigo.

Os mares vou talhar, cujos furores
Descreve o grão cantor, por quem de amores
Inda as Musas suspiram;
Aqueles mares, onde os Gamas viram

Do rebelde, horrendíssimo gigante
Os negros lábios, o feroz semblante.

Quer a Sorte, propícia a meu desejo,
Manda-me a Honra, cujas aras beijo,
Que com fêrvido brio
Contemple os muros da invencível Diu
Donde, ó Silveiras, Mascarenhas, Castros,
Foi soar vossa fama além dos astros.

Nos climas, onde mais do que na história
Vive dos Albuquerque a memória,
Nos climas, onde a guerra
Heróis eternizou da líbia terra,
Vou ver se acaso a meu destino agrada
Dar-me vida feliz ou morte honrada.

Sufocai vossa dor, porque os gemidos
Só às desgraças é que são devidos,
E, apesar da ternura,
Considerai que é sólida ventura
Seguir de altos varões o ilustre exemplo:
Por espinhos se vai da Glória ao templo.

Adeus, súcios fiéis; e tu, querida,
Cujos olhos nesta alma, à tua unida,
O primeiro empregaram
Amoroso farpão que dispararam,
Abafa os tristes, cândidos suspiros,
Com que me vibras perigosos tiros.

Por entre a chuva de mortais pelouros
A nua fronte enriquecer de loiros
Eu procuro, eu desejo,
Para teus mimos desfrutar sem pejo,
Pois quem deste esplendor se não garante,
Não é digno de ti, não te merece.

Eu te levo, meu bem, no pensamento;
Não armes contra mim neste momento
O novo, o doce encanto
Que recebem teus olhos de teu pranto.
Generosa paixão de ti me afasta:
Adeus, Gertrúria, adeus; não chores! Basta!

Canção, fica segura
Nas mãos da Ninfa lacrimosa e bela;
Serás consolação e alívio dela,
Pelos olhos da mãe Cupido o jura.

II

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Luís de Vasconcelos e Sousa, Vice-Rei do Estado do Brasil

Musa, tu, que até'gora ao som do vento
Ao som dos crespos, inquietos mares,
Soltaste um vão lamento,
De mil queixumes povoaste os ares,
É tempo já: consola-te, respira,
E dignos versos ao teu vate inspira.

Não vou cantar de corações guerreiros
Ímpias façanhas, bárbaras vitórias:
Os heróis verdadeiros
Não são esses que adquirem torpes glórias,
Bebendo sangue dos mortais aflitos,
Na guerra atroz, nos horrídeos conflitos.

Pacífico varão dos Céus mimoso,
Alma das almas exemplar brilhante,
Um coração piedoso,
Um grato gesto, um plácido semblante,
Digno de amor, de submissão, de afecto,
Vai ser do meu louvor sublime objecto.

Sim, Vasconcelos, o teu nome egrégio,
Que o orbe incensa, que a verdade aclama,
Que ao pé do sólio régio
Conduz mil vezes a volátil Fama,
Na minha ingénua voz farei que soe,
Que toque ao próprio Céu, que aos astros voe.

Se de teus imortais antepassados
Tu não foras, Senhor, fiel transunto;
Se a teus lustres herdados
Um génio sup'rior não vira junto,
Não te cantara: o sangue sem virtude
É vão fantasma, que aos mortais ilude.

Grande te fez a próspera Fortuna,
Grande te fez a sábia Natureza;
Elas querem que se una
Em ti alta virtude, alta nobreza,
E aos duplicados dons que em ti diviso,
Duplicado louvor será preciso.

Não só da fama nos patricios lares
Ouvi contente ressoar teus vivas:

Nestes mesmos lugares
Com palavras de júbilo excessivas
Te oiço cantar por bocas que não fingem,
Por almas lisas que meu lado cingem.

De recta gratidão ternos indícios
Mostram nos olhos, nas acções, nas frentes,
E aos claros Céus propícios
Mandam votos puríssimos e ardentes;
Mandam vozes de amor e de lealdade
Pela tua cabal felicidade.

Eu, dos braços paternos arrancado
E pela fúria de soberbos mares
Sacudido, arrojado
A remotos, incógnitos lugares,
Onde talvez que me aparelhe a Sorte
Depois de infausta vida, infausta morte;

Eu, finalmente, com respeito interno,
Meus frouxos olhos nos teus olhos pondo,
Teu amável governos,
Tua justiça, teus costumes sondo,
E digo então: «Senhor, só tu podias
Tornar brilhantes os meus turvos dias.»

Só tu, digno de estátuas de alabastro,
Digno de bronze, que os heróis distingue,
Melhorarás meu astro,
Astro infeliz, que o meu sossego extingue,
E poderás soltar minha alma presa
Entre as sombras da lívida tristeza.

Abatidos mortais erguer da terra,
Formar ditosos, consolar aqueles
A que a Sorte faz guerra,
Ser pai, ser protector e abrigo deles,
É virtude imortal, glória perfeita,
A quem do Tempo a fera mão respeita.

Se de Tito a lembrança inda hoje dura,
Se o mundo o canta, se inda lhe erguem templo
A saudade, a ternura,
É porque foi da probidade exemplo,
É porque ele julgou perdido o dia
Em que algum benefício não fazia.

Se do Magno Alexandre os sábios falam,
Não é, não é, Senhor, porque os seus braços
Altos muros escalam;

É sim, porque tirou de indignos laços
E de entre as garras de um destino ímpio
A régia prole do infeliz Dano.

Se a mantuana, sonora lira
Ao prófugo Troiano eleva tanto,
Não é porque ele inspira
Aos Gregos susto, aos Rútulos espanto;
É porque de entre as mortes e os assombros
o já curvado pai salvou nos ombros.

Viver debaixo do teu jugo brando,
Sentir as leis do teu poder suave,
Teus méritos alçando
Ao palácio de Jove em metro grave,
Oh, que risonha, que benigna estrela!
Se o pensá-la é prazer, que fora o tê-la!

Surdo o Fado a meus ais e a minhas mágoas,
Deste ameno país me quer distante;
Manda que eu busque as águas
Onde se banha o válido gigante,
Irmão dos ímpios que gerara a Terra,
Que ao Pai dos Deuses declararam guerra.

Mas inda lá nesses lugares broncos,
De míseros mortais mísero asilo,
Sobre duráveis troncos
Teu nome escreverei com terno estilo,
Mostrando que não é lisonja infame
Quem move a minha voz a que te aclame.

Ó ditoso Brasil, província bela,
Que vês na mão do herói, que te domina,
Toda a força daquela
A que o rápido Tejo a frente inclina,
Vem de novo com fêrvidos louvores,
Vem atizar meus trémulos clamores!

Vem... Mas basta, Canção: que mais pretendes?
Onde vás arrojarte? Ah!, não prossigas;
Duns dons, que mal compreendes,
Que poderás dizer, por mais que digas?
Não escapas do assunto, que proclamas;
Só pertence aos Camões falar dos Gamas.

III

O CIÚME

Agora, que ninguém vos interrompe,
Lágrimas tristes, inundai-me o rosto;
Mais do que nunca assim o quer meu Fado.
Enquanto o gume de mortal desgosto
Me não retalha os amargosos dias,
Debaixo destas árvores sombrias
Grite meu coração desesperado,
Meu coração cativo,
Que só tem nos seus ais seu lenitivo.

Alterosas, frutíferas palmeiras,
Vós, que na glória equivaleis aos louros,
Vós, que sois dos heróis mais cobiçadas
Que áureos diademas, que reais tesouros,
Escutai meus tormentos, meus queixumes,
Meus venenosos, infernais ciúmes;
Ouvi mil penas, por Amor forjadas,
Mil suspiros, mais tristes
Que todos esses, que até'qui me ouvistes.

Aqueles campos, aprazíveis campos,
Que além verdejam, de meu mal souberam
A desgraçada mas suave origem;
Ali de uns olhos os meus ais nasceram;
Ali de um meigo, encantador sorriso,
Que arremeda o sereno paraíso,
Brotaram mil infernos, que me afligem,
Que as entranhas me abrasam,
Que meus olhos de lágrimas arrasam.

Ali de uns lábios, onde as Graças brincam,
Ouvi suspiros, granjeei favores;
Ali me disse Anarda o que eu não digo,
Ali, volvendo os ninhos dos Amores,
Cravou nesta alma, para sempre acesa,
As perigosas frechas da beleza;
Ali do próprio mal me fez amigo;
Ali banhou meu rosto
Parte do coração, desfeita em gosto.

Novas campinas testemunhas foram
De nova glória, de maior ventura,
Tal, que julguei, logrando-a, que sonhava.
Entre as doces prisões da formosura,
Entre os cândidos braços deleitosos,

Meus crestados desejos amorosos
No alvo rosto, que o pejo afogueava,
No néctar... Ah!, que eu morro,
Se em vós, furtivos êxtases, discorro!

Amor! Amor! Teus júbilos excedem
Da loira abelha os engenhosos favos,
Mais gratos são que as flores teus sorrisos.
Gostei todos os bens que aos teus escravos
Fazem tão leve a rígida cadeia,
Tão doce a chama, que no peito ondeia.
Mas oh!, cruéis teus dons, cruéis teus risos,
Princípio do tormento,
Que já me tem delido o sofrimento.

Miserável de mim! Qual o piloto,
Que lera nos azuis, filtrados ares
Indícios de uma sólida bonança,
E eis que vê de repente inchar os mares,
Vestir-se o céu de nuvens, donde chove
O fogo vingador, que vibra Jove,
Tal eu, quando supus mais segurança
No meu contentamento,
O vi fugir nas asas de um momento.

Anarda, Anarda pérfida, teus olhos,
Onde O Amor traz escrita a minha sorte,
Teus mimos por mim só não são gozados!
Oh, desesperação, pior que a morte!
Oh, danados espíritos funestos,
De hórridos vultos, de terríveis gestos,
Moderai vossa queixa, e vossos brados,
Que as penas do profundo
Também, também se encontram cá no mundo.

Ver outro disputar-me o caro objecto,
Em cujas lindas mãos pus alma e vida,
Não me arranca suspiros: o tormento,
Que no peito me fez mortal ferida,
O maior dos tormentos, ó perjura,
É ver que de outrem sofres a ternura,
É ver que dás calor, que dás alento
A seus mimos e amores
Co'um riso precursor de mil favores.

Tu não foges de mim, tu não te esquivas
Destes olhos, que em ti cativos andam.
Delícias, onde pasma o pensamento,
Doces instantes meu ciúme abrandam.
Mas ah!, não é só minha esta ventura,

Meu vaidoso rival a tem segura.
Que indigna variedade! Em um momento
Teus olhos inconstantes
Acarinham sem pejo a dois amantes.

Honra, virtude, agravo e desengano
Me gritam na alma, que sacuda os laços,
Que tanto sofrimento é já vileza.
Oíço-os, protesto desdenhar teus braços,
Protesto, ingratas converter meus cultos
Em mil desprezos, irrisões e insultos.
Mas ah!, protestos vão, baldada empresa!
Sou a amar-te obrigado;
Não é loucura o meu amor, é fado.

Canção, vai suspirar de Anarda aos lares,
Mas se não firmares
O instável coração, deixa a perjuras
E iremos sossegar na sepultura.

IV

O DESENGANO

Alma ferida e cega,
Que em grilhões vergonhosos
Adoras a mão ímpia que te entrega
A males tão cruéis e tão penosos,
Como os que sentem no maldito Averno
Os condenados entre o lume eterno;

Alma cega e perdida,
Que a doce liberdade,
O gosto, as horas, o descanso, a vida
Consagras à maligna divindade,
Antes ao monstro, que produz, que gera
Veneno inda pior que o de Megera,

Basta, faze em pedaços
(Porque a razão te grita)
Faze, que é tempo, esses indignos laços,
Essas cadeias vis. Ó alma aflita,
A virtude, a verdade, o Céu te valha;
Vence a terrível, infernal batalha!

Conhece o baixo objecto,
Que em triunfo te arrasta.
Cuidas que um meigo, deleitoso aspecto
Para dourar os teus excessos basta?
Cuidas que um belo riso, um ar benigno,
Filho da infâmia, de ternura é digno?

Que engano! A formosura
Sem modéstia, sem pejo,
Tédio, tédio merece, e não ternura.
Eia, pois, de um frenético desejo
Enfreia, apaga os ímpetos, a chama,
E lava a nódoa com que amor te infama.

Que afronta! Que vileza!
Alma triste, alma escrava
De uma profana, sensual beleza,
De uns olhos falsos donde Amor te crava
Mil setas, cuja ponta aguda e forte
Ervou no opaco Inferno a mão da Morte,

Rasga o véu da cegueira
Fatal que te alucina;
Observa a criminosa, a lisonjeira;

Observa a loba má, que te domina;
Vê seus dolosos beijos nacarados
Fartando peitos vis com vis agrados.

Contempla a desprezível:
De afagos nunca escassa,
Sem pudor, para todos é sensível;
Este chama, outro anima, aquele abraça;
Ei-la com frouxos ais, húmidos beijos,
Matando num minuto a mil desejos.

Olha aonde te abrasas:
Em torno dela, o Vício
Bate as lodosas peçonhentas asas;
E, qual submissa ovelha ao sacrifício,
Ele de Vénus ao altar nefando
A leva pela mão, de quando em quando.

As lágrimas que viste
Na pérfida, que adoras,
São gerais; os suspiros que lhe ouviste,
Não são teus, são comuns; alegres horas,
Como contigo, com mil outros passa.
Vê-lhe a baixeza, esquece-te da graça.

Por gosto e por costume,
Não por domar a ardência
Do teu negro, pestífero ciúme,
Te sacrifica os teus rivais na ausência,
Que, em favor das traições com que trafica,
Na ausência aos teus rivais te sacrifica.

Ó alma! Ó liberdade!
Eu vos sinto abaladas
Pelas vozes da rígida verdade.
Vossas cadeias, por Amor forjadas,
Desejais sacudir... Sim, já vos vejo
Olhar os fenos com horror, com pejo.

Estais já forcejando
Contra o peso insofrível.
Ó liberdade! Ó alma! Estais bramando
Com ânsia, com furor, crendo impossível
Romper, despedaçar tão fixos laços
Sem o socorro de celestes braços.

A fraca humanidade
Para tanto não basta.
Assim é; mas implore-se a piedade
De um Sacro Velho que os mortais afasta

Do quase inevitável precipício,
E ante quem treme o erro e pasma o vício.

Vai poise Canção, procura o Desengano,
Ele socorre aqueles que o procuram,
Ele o bálsamo dá com que se curam
As feridas que faz Amor tirano.

V

DELÍRIO AMOROSO

Inda não bastam, minha voz cansada,
Tantos ais que tens dado;
É necessário renovar queixumes,
Queixumes de que o fero Amor se agradas
De que zombando está meu duro fado.
Gritemos, pois, frenéticos ciúmes,
Gritemos outra vez, que dos aflitos
São triste refrigério os ais e os gritos.

Carrancuda Agonia, azeda, azeda
Inda mais, se é possível,
o venenoso fel, que em mim derramas;
Doces enganos da minha alma arreda,
Deixa-lhe a dor intensa, a dor terrível
Dos ígneos zelos, das tartáreas chamas,
Deixa-lhe as ânsias, a peçonha, as iras,
E a desesperação, que tu respiras.

Farte-se Anarda; o variável peito
Cujas graças me encantam,
Cujas traições no coração me ferem,
E por quem gemo, em lágrimas desfeito,
Que já mil bens dulcíssimos não cantam
Os ternos lábios meus, antes proferem
Lamentos contra Amor, contra a Ventura.
Conheça a desleal, saiba a perjura,

Sim, traidora, que o júbilo em torrentes
Viste alagar meu rosto,
Quando em teus braços possuí mil glórias,
Hoje morro de angústias, e o consentes,
Podendo-me, cruel, matar de gosto?
Oh, êxtase! Oh, delícias transitórias!
Oh, vão prazer dos crédulos amantes,
Mais fugaz que os alígeros instantes!

Cansaste, Anarda: a sólida firmeza
Vezes mil protestada,
Votos de eterna fé, que me fizeste,
Manter não pôde feminil fraqueza,
A quem somente a novidade agrada.
Já lugar na tua alma a outro deste,
E o mais ardente amor, o amor mais puro
Não satisfaz teu coração perjuro.

Se me fugisses, se de todo as chamas,
Que por mim te abrasavam,
A nova inclinação te amortecera,
Desculpara esse ardor em que te inflamas.
Porém quanto, infiel, quanto me agravam
Os sorrisos de amor, com que assevera
Teu gesto encantador, teu meigo rosto,
Que inda propende a saciar meu gosto!

Presumes que se paga uma alma nobre,
Um coração brioso
De um sórdido prazer. torpe e corrupto
Qual esse, que me ofertas, se descobre?
Assim só pode o vil ser venturoso,
Essa fortuna por baldão reputo:
Em amor antes só ser desgraçado,
Que doutrem na ventura acompanhada

Vai, fermentada, que a paixão perfeita
Os seus dons não reparte;
Vai gemer noutro peito e noutros braços,
Pérfidos mimos desse infame aceita,
Enquanto juro aos Céus de abominar-te,
Enquanto arranco meus indignos laços,
Enquanto... Ah!, que falei? Meu bem, detém-te,
Abafa a minha voz, dize que mente!

Eu deixar-te!... Ai de mim! Primeiro a Terra
Mostre as fundas entranhas
Por larga boca horrível, que me trague;
Primeiro o mar e o céu me façam guerra,
Despenhem-se primeiro estas montanhas,
E a meu corpo infeliz seu peso esmague;
Primeiro se confunda a Natureza,
Que eu cesse de adorar tua beleza.

Vejam meus olhos esses teus pasmados
De um rival no semblante;
Oiça-te os ais, que com meus ais misturas,
E os agrados que opões aos seus agrados:
A tudo está sujeito um cego amante,
Que não pode quebrar prisões tão duras;
A tudo estou submisso, estou disposto,
Quero tudo sofrer, porque é teu gosto.

Terá por crime, suporá vileza
Tão cruel tolerância
Quem não sente o poder da formosura.
Porém minha alma, nos teus olhos presa,
Inda chega a temer que esta constância

Prova não seja de exemplar ternura,
E saibam, se com isto um crime faço,
Que o crime adoro, que a vileza abraço.

Sobre as asas dos ventos,
Canção chorosa e rouca,
Vai narrar pelo mundo os meus tormentos.
De almas estóicas a dureza louca
Rirá dos teus lamentos,
Mas nos servos de Amor terás abrigo:
Quando te ouvirem, chorarão contigo.

Obra digitalizada e revista por José Barbosa Machado. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
